

Intergeneracionalidade e TIC: visão dos jovens participantes num Programa Intergeneracional*

Intergenerationality and ICT: youth perspective of an intergenerational Program

Intergeneracionalidad y TIC: la visión de los jóvenes en un Programa Intergeneracional

Paula Cristina Mota
Rui Neves

RESUMO: Neste artigo apresentam-se os resultados, na perspetiva dos jovens participantes, de um programa intergeracional mediado pelas TIC. Este projeto foi desenvolvido numa Escola Profissional e num Lar de Idosos pertencentes à mesma Fundação. Retrata a interação semanal entre onze alunos entre os 15 e os 19 anos e catorze residentes ou utentes do Lar/Centro-dia da Fundação Joaquim dos Santos. Realça-se a alteração da perceção dos jovens em relação aos mais velhos durante e após a implementação do Programa, os momentos de partilha e aprendizagem mútua e a melhoria da relação entre as diferentes gerações.

Palavras-chave: Idosos; Programas Intergeneracionais; Jovens; TIC.

ABSTRACT: *The purpose of this paper is to present youth perspective concerning an intergenerational program with ICT. The project was developed in a Professional School and a retirement home from the same Institution. It portrays a weekly interaction between eleven students, aged from 15 to 19 and fourteen retirement home users, at Fundação Joaquim dos Santos. We emphasize the change in young people's perspective about the elderly, during and after the Intergenerational Program development, the exchange moments and mutual learning, as well as the relationship enhancement between the different generations.*

Keywords: *Elderly; Intergenerational Program; Young; ICT.*

RESUMEN: *En este artículo se presenta la perspectiva de los jóvenes sobre la implementación de un programa intergeneracional mediado por las TIC. El proyecto fue desarrollado en una Escuela Profesional y una residencia de ancianos, pertenecientes a la misma Institución. Relata la interacción semanal entre once alumnos, de los 15 a los 19 años y catorce personas mayores, en Fundação Joaquim dos Santos. Se resalta el cambio de la percepción de los más jóvenes sobre las personas mayores, durante y después de la ejecución del Programa Intergeneracional, los momentos de intercambio y aprendizaje mutua, así como el cambio de la relación entre las diferentes generaciones.*

Palabras clave: *Adultos mayores; Programas Intergeneracionales; Jóvenes; TIC.*

Introdução

O envelhecimento é uma etapa de maturidade, sabedoria e experiência de vida mas, por outro lado, é o período onde se revelam, na maior parte das vezes, maiores momentos de solidão, falta de autoestima, depressão e agravamento de problemas de saúde (Filadelfo, & Adrina, 2016). Nesse sentido, o aumento da idade pode tornar as pessoas mais vulneráveis à discriminação, contribuindo para o seu isolamento (Spiteri, 2016).

Portugal configura, neste momento, uma sociedade envelhecida, estando a aumentar o número de indivíduos acima dos 85 anos, fase em que se dá um acréscimo de perda de autonomia que conduz à dependência e posterior encaminhamento para instituições ou aumento de períodos de solidão (Ferreira, 2015).

Estamos num momento em que predominam duas ideias opostas em relação ao envelhecimento: uma refere a pessoa que envelhece como detentora do saber, conhecimento e experiência e que organiza a sua vida de acordo com as suas preferências e expectativas; a outra relata a pessoa de forma mais negativa, sendo caracterizada como vulnerável, física, mental e socialmente (Lopes, Araújo, & Nascimento, 2016; Quaresma, & Ribeirinho, 2016).

Envelhecer não é um momento que se reporta a uma fase concreta da vida, é algo que faz parte da sequência do desenvolvimento humano, e encarar o envelhecimento como um processo abre portas a diferentes formas de atuação e quebra das barreiras do preconceito (Agudo, Pascual, & Fombona, 2012).

Práticas Intergeracionais

As práticas intergeracionais tiveram a sua origem nos Estados Unidos, na década de sessenta, de forma a promover a inclusão social de pessoas em situação de pobreza, violência e consumo de substâncias. Na Europa, foi na década de noventa, e na Inglaterra, que surgiram as primeiras iniciativas destinadas a promover a participação social das pessoas com mais idade, em iniciativas de voluntariado. O envelhecimento da população europeia está a criar uma nova moldura populacional, crescendo o interesse em reforçar as práticas intergeracionais que permitem uma troca de recursos e aprendizagens entre as várias gerações (Vieira, & Sousa, 2016).

A realização de atividades intergeracionais aporta benefícios a ambas as gerações. Os participantes mais velhos usufruem do apoio prático que os mais novos fornecem, ao passo que os alunos tomam contacto com as dificuldades sentidas pelos participantes com mais idade, reconfigurando a forma como encaram o envelhecimento. Dessa forma, coloca-se a tónica nos pontos fortes, em vez dos atributos negativos das pessoas (Spiteri, 2016).

Ao mesmo tempo, a interação intergeracional configura percursos de troca de conhecimentos dado que, ao contactar pessoas mais novas, aqueles que têm mais idade adquirem e partilham momentos de sabedoria. Configura-se, assim, uma relação de aprendizagem mútua que conduz a uma noção mais positiva sobre as diferentes gerações e à diminuição do preconceito (Poltronieri, Costa, Costa, & Soares, 2015).

Práticas Intergeracionais e TIC

Ao nível de práticas intergeracionais, salientam-se as que têm por base a utilização de alguma forma de nova tecnologia, cabendo aos mais jovens o papel de apoiar na aprendizagem da educação tecnológica e digital, sendo também essenciais na aquisição de capacidade de manuseamento dos dispositivos tecnológicos por parte dos mais velhos (Poltronieri, *et al.*, 2015).

Devido ao facto de ser ainda uma novidade, a utilização das tecnologias por parte dos utilizadores com mais idade pode ser vista com receio, necessitando, assim, de apoio e incentivo à sua utilização (Souza, & Sales, 2016).

É através da utilização de computadores e Internet que os idosos podem ter acesso a diversos serviços que lhes facilitam as tarefas diárias (Sales, Mazzali, Amaral, Rocha, & Brito, 2014).

Assim, o contacto com *tablets*, computadores ou *smartphones* pode impulsionar o bem-estar emocional e psicológico do utilizador com mais idade (Souza, & Sales, 2016). De forma a conseguir este objetivo, é importante desenvolver ações de formação em literacia digital para os mais idosos, para que possam potenciar a sua autonomia e meios de desenvolvimento pessoal e social. Uma das melhores formas de desenvolver estas ações é por meio de programas intergeracionais (Roberto, Fidalgo, & Buckingham, 2014).

Metodologia

Este artigo traduz os resultados verificados antes, durante, e após a participação de um grupo de alunos num programa intergeracional mediado pelas TIC. Estes alunos encontravam-se a frequentar cursos profissionais na Escola Profissional de Torredeita, concelho de Viseu, Portugal. O grupo denominado “As TIC no Lar – Intergeracionalidade”, era parte integrante de vários grupos de Área de Projeto, dinamizados todas as quartas-feiras durante o período da tarde, das catorze às dezesseis e trinta. A participação no grupo de trabalho resultou da inscrição voluntária dos alunos nos diversos grupos de trabalho de Área de Projeto.

Primeiramente elaboramos uma proposta de programa intergeracional que foi apresentado e autorizado pela Direção Técnico Pedagógica da Escola Profissional de Torredeita e pela Direção da Fundação Joaquim dos Santos, referimos o processo de constituição da amostra, abordando as características da Fundação escolhida, assim como os motivos que levaram a essa seleção, apresentadas, também, as características sociodemográficas dos participantes do estudo.

O trabalho foi desenvolvido com 14 pessoas idosas residentes e utentes do Centro-dia, e 11 alunos, sendo que oito frequentavam o primeiro ano; e três o segundo, o que corresponde ao décimo e décimo primeiro ano respetivamente.

A inclusão dos jovens (entre os 15 e os 19 anos) neste projeto prende-se com o objetivo geral de promover a interação entre os mesmos e as pessoas com mais idade, recorrendo às TIC como forma de aproximação entre as duas gerações.

Assim, pretendeu encorajar-se o contacto com diferentes gerações; promover novos relacionamentos positivos e estimulantes para ambos os grupos; promover o aumento de autoestima, realização pessoal e perspetiva de vida das pessoas com mais idade; criar oportunidades que permitam transmitir experiência de vida e valor acumulado aos mais velhos e partilhar conhecimentos das novas tecnologias, por parte dos mais novos.

A realização deste programa intergeracional visou à troca de atividades de enriquecimento entre jovens e pessoas com mais idade, institucionalizadas no Lar de Torredeita, ou a frequentar o Centro-dia. Foi objetivo inicial deste trabalho a recolha das histórias de vida dos utentes do Lar, em articulação com os alunos da escola, de forma a que estes usufruíssem e conhecessem os saberes dos mais velhos, criando, para o efeito, uma plataforma que reproduzisse o trabalho realizado, plataforma esta gerida em comum pelos dois grupos. A seleção das plataformas (Blog, dinamização do Facebook da instituição, criação e dinamização do Instagram) foram opção do grupo de alunos, dado que foram eles os intervenientes no ensino e auxílio aos mais velhos para utilizar e atualizar a plataforma.

Para aferir os resultados sobre Intergeracionalidade e TIC na visão dos jovens, foram realizados um *Focus Group* inicial, outro final, o Relatório Individual final do aluno, que segue modelo implementado pela escola e um pequeno questionário final em cada sessão, que abordava os pontos positivos, negativos, os temas abordados e o que poderia ser alterado.

Apresentamos as categorias e subcategorias que resultaram da implementação dos instrumentos aplicados aos jovens no projeto intergeracional mediado pelas TIC.

Aprendizagem Intergeracional

A percepção de que a solidariedade entre gerações é fundamental ao bem-estar social levantou o véu sobre a necessidade de manter relações de troca de experiências entre as várias gerações, quer em nível familiar, quer social. Dessa forma, o contacto intergrupar é de suma importância para ultrapassar estereótipos e modificar as atitudes sobre grupos estigmatizados (Prior, & Sargent-Cox, 2014; Teater, 2016).

No entanto, as práticas intergeracionais podem tornar-se desconfortáveis, devido à ansiedade sentida pelos mais novos em momentos de interação com os mais velhos. Sentem como um desafio a abordagem às pessoas com mais idade; têm dificuldade em conseguir identificar atividades que sejam do interesse da outra geração; e revelam uma maior timidez em momentos de interação com este público-alvo. Daí que seja profícuo estabelecer relações intergeracionais, de forma a alterar ideias pré-concebidas, tornando-se um objetivo que é necessário alcançar. Envolver os mais jovens na planificação de atividades intergeracionais permite-lhes compreender e valorizar a experiência intergeracional de uma forma diferente e única (Turner, Brown, & Jarrott, 2017).

O primeiro *Focus Group* realizado em outubro de 2016 foi aquele em que se notaram maiores dificuldades, dado que os alunos estavam mais envergonhados, alguns não se conheciam e não estavam ainda bem cientes do propósito do grupo, tendo referido que se inscreveram porque foram obrigados a escolher um dos grupos.

Assim, no que diz respeito à aprendizagem intergeracional para este primeiro momento, foram selecionadas como subcategorias a *Motivação*; a *Dinâmica de interação entre jovens e idosos*; a *Interação prévia com os idosos*; a *Aprendizagem Intergeracional com TIC*; e a *Curiosidade/ interesse na interação*.

Ao serem questionados sobre a aprendizagem intergeracional, foram poucos os alunos que referiram que sentiam *motivação* para trabalhar com os utentes; apenas dois já tinham realizado um estágio num Lar, embora não tenham articulado com os utentes; e outro estava habituado a interagir frequentemente com os avós.

Apenas um aluno referiu que lhe interessava a aprendizagem intergeracional com as TIC, uma vez que *“Ensinar não deve ser muito difícil (...) ainda por cima aos mais velhos, não deve dar trabalho nenhum”* (A5).

Não se notou um elevado nível de disposição para este trabalho, tendo os alunos referido que escolheram este grupo porque *“Era aquilo que se fazia menos”* (A5); *“Os outros grupos são miseráveis”* (A4); *“Eu vim porque me obrigaram a escolher outro grupo e este foi o que me chamou mais”* (A6). Por outro lado, verificou-se vontade de participar noutra grupo de alunos: *“Eu vim porque (...) era mais interessante, (...) nunca trabalhei com idosos”* (A10); *“Foi o mais cativante”* (A1); *“Gosto de interagir com idosos”* (A4); *“Já trabalhei num Lar e gostei”* (A3/8).

Estas ideias vão de encontro ao explanado por Turner, *et al.* (2017), que afirmam que as interações entre as diferentes gerações podem ser desconfortáveis para os mais novos, especialmente com as pessoas com mais idade que detêm algum tipo de fragilidade. Já Gamliel e Gabay (2014) acrescentam que, no início destes Programas, ambas as gerações referem a grande distância que as separa e as baixas expectativas em relação a algum tipo de aproximação

No que diz respeito ao segundo *Focus Group*, realizado em junho de 2017, as subcategorias relacionadas com a aprendizagem intergeracional foram: *Aprender com os idosos – Recolher histórias de vida; Benefícios da participação; Competências digitais adquiridas; Partilha de experiências; Interação e contexto dos mais velhos; Problemas e dificuldades na aprendizagem intergeracional; Convívio intergeracional e inclusão digital.*

Depois do desenvolvimento do Programa Intergeracional, e após o contacto semanal durante oito meses, os alunos reconheceram benefícios no desenvolvimento deste tipo de programas.

Turner *et al.* (2017) referem que, apesar de ser um grande esforço e desafio implementar programas de AI, os benefícios decorrentes conduzem a experiências de aprendizagem mais positivas.

Todos os alunos referiram a recolha de histórias de vida como um dos pontos mais importantes de todo o projeto, dado que foi a partir daqui que tiveram acesso às experiências, conhecimentos e tradições que os mais velhos lhes ofereciam.

Foram momentos de grande partilha, com muito humor, “*Uma experiência nova e divertida*” (A1/2/4/5/6/7); “*Começam a ver que nos importamos com eles*” (A8); “*Foi uma grande aventura (...) comecei a apegar-me a alguns idosos*” (A11); “*Ao contrário do que eu dizia, que eram todos uns beatos, consegui ver que não*” (A9); “*Aprender e escutar lições de vida*” (A5); “*Aprendemos a alargar os nossos horizontes*” (A1).

Começaram a compreender o contexto de um idoso institucionalizado e toda a dinâmica que comporta esta vivência. Para Spiteri (2016), a realização de atividades intergeracionais é uma forma de colmatar a falta desse tipo de relações que muitos idosos têm, que os pode levar à solidão e a estados depressivos.

Na mesma ordem de ideias, Agudo Prado e Pascual Sevillano (2012) referem, como propósito das atividades intergeracionais, a aprendizagem mútua através das recordações dos idosos que revivem a sua juventude e vida e, ao mesmo tempo, escutam os mais novos e conhecem e compreendem as alterações na sociedade, enquanto transmitem valores como solidariedade, responsabilidade, justiça, colaboração, respeito e lealdade. Por outro lado, os mais novos experienciam momentos de aprendizagem mais divertidos, adquirem conhecimentos e valores e compreendem o papel e importância dos idosos como fonte de experiência, atuando estas atividades como forma de desmistificar o envelhecimento.

Após a implementação deste tipo de projetos, os jovens começam a revelar uma atitude mais positiva com a geração mais velha, apreciando as suas experiências de vida e histórias (Tam, 2014).

Quanto ao relatório final do aluno, foram estabelecidas as seguintes subcategorias: *Aprender com os idosos – recolher histórias de vida; Benefícios da participação; Partilha de experiências; Interação e contexto dos mais velhos; Problemas e dificuldades na aprendizagem intergeracional; Convívio intergeracional e inclusão digital.*

No que diz respeito às subcategorias da Aprendizagem Intergeracional, todos os alunos referem que, além da aprendizagem que realizaram sobre as histórias de vida dos idosos, a interação lhes trouxe diversos benefícios, já apontados nas categorias dos *Focus Group* analisadas anteriormente. Spiteri (2016) refere que a interação entre jovens e pessoas com mais idade traz benefícios a ambas as gerações, aprendendo uma com a outra.

Agudo Prado e Pascual Sevillano (2012), no que a este assunto diz respeito, realçam os benefícios, tanto em nível de desenvolvimento, funcionamento cognitivo, aquisição de capacidades, destreza manual quanto às relações sociais que ambas as gerações passam a usufruir.

Foi também feita uma retrospeção de todo o percurso, tendo os alunos afirmado que *“No início foi estranho, não os conhecia e tinham pouca confiança”* (A1); *“Estávamos com vergonha”* (A9). No entanto, com o passar do tempo, os alunos começaram a *“Refletir sobre o dia a dia das pessoas e as dificuldades enfrentadas”* (A9), considerando que esta *“experiência ficará marcada na minha vida pela positiva”* (A8).

Agudo Prado e Pascual Sevillano (2012) reafirmam que o importante é que se compartilhe um espaço de troca de conhecimento, que permita uma atuação conjunta das diversas gerações, de forma a que as suas relações comecem a ser vistas de forma comum e normal, desmistificando mitos e estabelecendo laços mais próximos, através de uma transferência comunicativa intergeracional com benefícios mútuos.

Através das relações intergeracionais, os mais novos aprendem em contexto real e os mais velhos apreendem conhecimentos e habilidades que lhes sejam benéficas. Os ganhos para ambas as gerações são importantes na compreensão um do outro. Assim, as atividades intergeracionais podem promover a compreensão entre gerações e a melhoria das relações sociais dos mais velhos, enquanto os mais novos ganham uma diferente perceção sobre a pessoa com mais idade (Tam, 2014).

Também Caldas e Thomaz (2010) reforçam a importância das atividades e convívio intergeracionais, uma vez que estas nos mostram uma nova visão do idoso à qual não se associam apenas características negativas e revelam um idoso mais participativo e que tem direitos e desejos como todas as pessoas.

De acordo com Thygesen, Macqueen e Martinez (2014), o papel dos jovens na aquisição das tecnologias é primordial e provoca uma melhoria na relação entre os jovens e os adultos, que se sentem muito satisfeitos por terem o apoio dos mais novos nesta aquisição.

Envelhecimento

Verificam-se diversos estereótipos nas diversas gerações, sendo que uma grande maioria de adultos maiores considera os jovens como sendo “rebeldes”, “impetuosos”, com “alterações ao nível do humor” e “imatuross”. Da mesma forma, os mais novos detêm ideias pré-concebidas sobre os mais velhos, que variam entre o serem “doentes”, “socialmente isolados”, “pobres” e “deprimidos” (Lou, & Dai, 2017).

Nesse contexto, termos como “sénior”, ou “pessoa mais velha”, associam-se a palavras como “desagradável”, “letárgico”, “aborrecido”, “mesquinho”, o que pode conduzir a percepções negativas sobre o envelhecimento, mesmo entre pessoas com mais idade (Spiteri, 2016).

No primeiro *Focus Group* foram selecionadas as seguintes subcategorias: *Representações do envelhecimento*; *Percepção negativa sobre o idoso*; *Respeito entre as diferentes gerações*; e *Percepção negativa do jovem sobre si mesmo*.

A maioria dos alunos detinha uma percepção negativa sobre os mais velhos: “*Não gosto, não falo (...) são mal-educadas às vezes e ... tipo... metem-se na vida*” (A8); “*São grandes cuscos*” (A9); “*É preciso ter paciência*” (A10); “*Beatas, mas há um mínimo de paciência*” (A3); “*Não têm nada que fazer*” (A6).

Essas ideias estão de acordo com o enunciado por Spiteri (2016), quando refere que às pessoas com mais idade se associam palavras como “desagradável”, “chato”, “mesquinho” e “letárgico”. Fastame, Penna e Rossetti (2014) acrescentam, ainda, que a tendência entre os jovens e os adultos mais novos é caracterizar os mais velhos como “obsoletos”, “fracos” e “incapazes de darem um contributo ativo à sociedade”.

Segundo Lou e Dai (2017), os estereótipos relacionados à idade aportam um ambiente desfavorável ao envelhecimento ativo na sociedade e tanto os mais velhos como os mais novos não têm uma visão muito positiva acerca do outro, dado que os mais novos consideram os mais velhos doentes, pobres, isolados e deprimidos, ao passo que aqueles com mais idade pensam que os mais novos podem ser rebeldes, impetuosos e imatuross.

Estes estereótipos que são inerentes ao nosso crescimento são, também, interiorizados pela pessoa com mais idade, o que leva à sua exclusão social e condiciona a sua forma de agir (Gorjão, & Marques, 2012; Neves, & Amaro, 2012).

Quanto às representações sobre o envelhecimento e ao respeito nas diferentes gerações, os alunos consideraram que os mais velhos: *“têm responsabilidades e não têm liberdade”* (A6); *“não trabalham, têm uma vida livre como nós e não têm nada para fazer (...) trabalham porque querem, não são obrigados”* (A1).

Veem os mais velhos como *“solitários”*, *“normalmente quando uma pessoa fica mais idosa começa a ficar sozinha”* (A1); *“isolam-se mais”* (A9); *“são velhos, são chatos, é isso que eles pensam”* (A1); *“às vezes esquecem-se que já foram da nossa idade”* (A10); *“e esquecem-se que a sociedade evoluiu”* (A9); *“são muito chatos”* (A3); *“estão sempre a repetir as mesmas coisas”* (A1); são *“persistentes na história de sermos cristãos”* (A4); e também *“rabugentos, fechados”* (A5).

Consistentemente com os preconceitos demonstrados sobre o envelhecimento, Prior e Sargent-Cox, (2014) abordam o facto de estes começarem a manifestar-se e a ser adquiridos na infância, o que vai influenciar a perceção, atitude e expectativa em relação ao tema.

No entanto, a perceção sobre eles próprios também não era a melhor, já que muitos se consideraram *“piores”* (A10), *“teimosos”* (A9), *“mal-educados”* (A10); *“impossíveis de aturar”* (A9); e *“impacientes”* (A3).

As subcategorias relacionadas ao Envelhecimento no segundo momento foram: *Representações do envelhecimento; Alteração da perceção sobre o idoso; Respeito entre as diferentes gerações; Valores do idoso e cuidado mútuo.*

Neste segundo momento, as opiniões relativamente ao envelhecimento foram unânimes, os alunos veem os mais velhos de forma mais positiva, reconhecem o envelhecimento como consequência natural e alteraram as suas perceções sobre os adultos maiores: *“antes nem tentava falar (...) eram uma seca, mas este tempo que passei com eles fez-me mudar de ideias, até são fixas”* (A11); *“vejo-os como exemplos de vida”* (A8); *“as pessoas mais velhas prestam-nos atenção, por isso merecem a nossa atenção também”* (A3); *“não são chatos”* (A10/4); *“apeguei-me a eles”* (A6/A7); *“eles acabavam sempre por alegrar o nosso dia com histórias e piadas antigas”* (A3). Os alunos que não alteraram esta perceção dizem que *“sempre os vi como pessoas carinhosas, simpáticas”* (A4).

Os autores aqui revistos enfatizam que o desenvolvimento de programas intergeracionais pode mudar as atitudes dos alunos no que concerne ao envelhecimento, alterando mesmo os estereótipos negativos que os idosos detinham, mostrando-lhes uma realidade do envelhecimento, o que lhes pode causar a alteração de medos (Shedletsky, 2012; Spiteri, 2016; Turner, *et al.*, 2017).

A mesma ideia é corroborada por Prior e Sargent-Cox (2014), ao referirem que o contacto intergrupar atua como uma das técnicas mais efetivas para desconstruir estereótipos e melhorar as atitudes relacionadas a grupos estigmatizados, como o caso das pessoas mais velhas.

Quanto ao relatório final, as subcategorias selecionadas foram: *Alteração da perceção sobre o idoso; Respeito entre as diferentes gerações.*

Apenas dois alunos referiram não ter alterado a sua perceção sobre o idoso, visto que já tinham uma ideia bastante positiva sobre o mesmo. Quanto ao respeito entre as gerações foi referido por todos como sendo algo que impera neste momento: “*Este tempo contribuiu para o meu amadurecimento e crescimento*” (A9); “*Foram úteis para a minha formação pessoal*” (A8); “*Gostei imenso das atividades relacionadas com a interação com as pessoas mais velhas*” (A6); “*Aprendi que são pessoas que têm muito para nos ensinar, tanto pelas experiências vividas como pela sabedoria*” (A10); esta será “*uma experiência que ficará marcada na minha vida pela positiva*” (A2); “*Trabalhar com pessoas mais velhas ajuda-nos, no futuro, a interagir, perceber e saber lidar com o outro*” (A8); “*Lamento o dia em que a Dona (...) mudou de instalações, pois era sem dúvida a melhor pessoa que já conheci*” (A1); “*Divertimo-nos imenso*” (A3); “*Aprendi a ver os idosos de outra maneira*” (A5).

TIC

A tendência para a diminuição da interação intergeracional entre as famílias reside na alteração do contexto familiar, na modernização, no urbanismo e nas migrações (Lou, & Dai, 2017).

O facto de se utilizarem tecnologias com as pessoas de maior idade permite que estas tenham uma visão diferente dos mais jovens, auxiliando, também, a compreensão dos membros mais jovens das suas famílias (Spiteri, 2016).

Através da comunicação e contacto intergeracional mediado pelas TIC, a aproximação das pessoas com mais idade e a família e amigos pode diminuir o seu isolamento e facultar uma relação mais próxima. Este facto resulta numa maior tranquilidade por parte das famílias, especialmente aquelas separadas por uma maior distância, porque facilita um maior contacto e aumenta a comunicação (Carleto, & Santana, 2017).

As subcategorias que resultaram do primeiro *Focus Group* no que diz respeito às TIC são: *Interação familiar*; *Interação entre gerações*; *Alteração da percepção entre gerações*; *Inclusão digital*; *Diminuição do isolamento*; e *Dificuldade na interação familiar*.

Todos os alunos consideram que as TIC podem ser úteis no contacto entre gerações, dado que “vão sentir que nos preocupamos com eles e não estão isolados do mundo” (A8); “vão sentir-nos a aproximar” (A10); “vão sentir que não são velhos caducos” (A8/9); “e que as pessoas não querem saber delas” (A8).

Khvorostianov (2016) afirma que a introdução de computadores às pessoas com mais idade ajuda na melhoria dos laços familiares, uma vez que adicionam interesses comuns entre as diferentes gerações.

Quanto à alteração da percepção entre as gerações, a inclusão digital e a diminuição do isolamento, os alunos consideram que os mais velhos “podem mudar de ideias sobre nós, conhecer-nos melhor como pessoas e não só assim por fora” (A1); “vão sentir-se mais próximos da nossa geração” (A9); “mais incluídos” (A7); “é bom estarem a comunicar com a geração mais nova” (A6); “para verem a nossa maneira de pensar” (A5).

O ponto em que as TIC dificultam a interação familiar foi tido como gerador de maior polémica, dado que os alunos têm opiniões divergentes: “nunca falo com os meus pais se estou a jogar” (A4); “eu e o meu pai jogamos consola (...) é uma forma de aproximar” (A6); “com a tecnologia ligada não falamos” (A1); “não é preciso tecnologia se tens os pais perto (...) pode ajudar-nos a mantermo-nos mais juntos, não precisas estar diretamente com eles” (A1); “eu acho que a tecnologia não ajuda” (A5); “se tiveres família no estrangeiro não tens contacto sem ser com a tecnologia” (A9); “não sei explicar [a olhar para o telemóvel, algo que faz frequentemente] (A5); “porque a vida é isto, é tecnologia, chegar a casa, computador, telemóvel, e isto é um

problema” (A1). A ligação com a família geograficamente separada é reforçada, segundo Khvorostianov (2016) através da utilização das TIC.

Do segundo *Focus Group* resultaram as seguintes subcategorias: *Troca mútua de conhecimentos e experiências; Competências na utilização das TIC; Problemas no uso das TIC; Aprendizagem intergeracional com as TIC; Interesse na utilização; Maior confiança e segurança do idoso na utilização das TIC.*

O conjunto dos alunos reportou benefícios na troca mútua de experiências e conhecimento: *“aprendi tradições de antigamente”* (A7/10/11); *“aprendi novas culturas, histórias, a ver a vida de outra forma”* (A1).

No que diz respeito aos problemas na utilização das TIC, todos os alunos concordam que o acesso à rede era demasiado fraco, os *tablets* eram em número insuficiente, não tinham as devidas atualizações, eram demasiado lentos, o acesso ao Facebook, Instagram e ao Blog nem sempre era possível e o recurso ao telemóvel foi, muitas das vezes, a solução encontrada para trabalhar.

Alguns consideram que deveriam ter incentivado mais os utentes para trabalhar com as tecnologias, dado que *“as TIC podem ser um passatempo, visto que estão lá sentados todo o dia sozinhos”* (A2); mas *“não me parece que tenham aprendido muito, pois também não tinham muito interesse”* (A11); *“são pessoas solitárias e o facto de terem esse conhecimento fará que este objeto tecnológico diminua a solidão”* (A1); *“podem ver as famílias que está longe”* (A8); *“alguns não estavam interessados em aprender, preferiam falar ou jogar cartas”* (A4/6); *“a maior parte mostrava interesse”* (A3); no entanto, *“muitas vezes eram preguiçosos”* (A10).

Quanto à confiança dos mais velhos na utilização das TIC, os alunos consideram que a mesma aumentou: *“perceberam como se tiram fotos, quase conseguiam escrever no teclado, jogavam e viam no Youtube”* (A7); *“aprenderam a jogar e a ir ao Instagram e a escrever no bloco de notas”* (A2); *“mexiam no Youtube com ajuda mas queriam aprender”* (A3); *“já começavam a escrever sozinhos”* (A4/6/5). De acordo com Joia e Ruiz (2013) com o passar da idade, as pessoas tendem a manter atividades que lhes dão prazer, como o caso de jogar cartas, como forma de ocupar o tempo livre.

Estas reflexões dos mais novos vão ao encontro das ideias de Tsai, Shillair, Cotten, Winstead, & Yost (2015), ao afirmarem que a utilização das TIC diminui os sentimentos de solidão, depressão e *stress*, ao mesmo tempo que aumenta os sentimentos de independência e crescimento pessoal.

Estes sentimentos são verificáveis também nas pessoas acima dos oitenta anos de idade, dado que a utilização das TIC lhes permite sentirem-se mais ligados ao outro.

Quanto às subcategorias das TIC no relatório final selecionamos: *Competências na utilização das TIC*; *Aprendizagem intergeracional com as TIC*; *Interesse na utilização*; *Maior confiança e segurança do idoso na utilização das TIC*.

Alguns alunos referem que *“muitos desistiam facilmente, mostravam pouco interesse”* (A1); no entanto *“realizamos um jogo típico das suas infâncias, relembrou e realizaram com alguma emoção”* (A8); *“interessava-lhes música religiosa ou folclórica”* (A1); e com o passar do tempo, *“de semana para semana eles já começavam a aderir mais e a aceitar mais atividades”* (A9). Strom e Strom (2015) referem que os jovens podem assumir o papel de líderes para fomentar a comunicação intergeracional através da utilização das tecnologias.

“Inicialmente alguns tinham receio, pois diziam não saber mexer no tablet” (A2); mas *“foram desenvolvendo mais a sua habilidade, melhorando todas as semanas”* (A10); *“começaram a ver vídeos no Youtube para interagirem mais com o mundo das tecnologias”* (A6); e *“às senhoras o que mais lhe agradou foi as missas e as músicas delas”* (A8). Thygesen, et al. (2014) afirmam que, assim que a pessoa com mais idade consegue verificar quais os benefícios e o potencial que estar on-line lhes oferece, as suas atitudes tornam-se mais positivas e começam a usar as tecnologias.

Na perspetiva dos alunos alguns dos utentes não mostraram grande interesse no desenvolvimento de atividades mediadas pelas tecnologias, interesse que foi aumentando com o decorrer das sessões. No entanto, assinalam a preguiça dos utentes e a falta de insistência por parte dos alunos como condicionantes à aquisição das competências. Para Strom e Strom (2015), os jovens podem auxiliar a estimular a comunicação intergeracional por meio da utilização das tecnologias.

Segundo Bobillier Chaumon, Michel, Tarpin Bernard e Croisile (2014), as dinâmicas sociais criadas durante os momentos de trocas intergeracionais não se estendem além do círculo de participação e a utilização das tecnologias não atrai tantos interessados como se seria suposto, verificando-se que alguns utentes respondiam com desinteresse e rejeição.

Conclusão

A realização de projetos que contemplem práticas intergeracionais pode ser um dos meios facilitadores para as pessoas com mais idade adquirirem competências para o seu desenvolvimento pessoal, o seu envolvimento cívico e a sua participação social.

Continua a verificar-se que os estereótipos relacionados à idade são uma das barreiras ao desenvolvimento de um ambiente intergeracional amistoso. Estes estereótipos verificam-se nas diversas gerações, sendo que, por norma, ambas as gerações detêm ideias pré-concebidas e menos abonatórias sobre o outro.

Dessa forma, através da realização de projetos intergeracionais a perceção dos participantes mais ou menos jovens começa a alterar-se, dando lugar a atitudes mais positivas entre as gerações; ao aumento de motivação nos mais jovens; o aumento da qualidade de vida nos mais velhos; uma atitude mais positiva dos adultos com mais idade face ao envelhecimento; ao aumento da autonomia e diminuição do isolamento; melhorias na socialização e relacionamento entre gerações.

Ao serem utilizadas as tecnologias com as pessoas de maior idade promove-se uma visão diferente dos mais jovens. Realizar atividades de comunicação e contacto intergeracional mediado pelas TIC pode conduzir à diminuição do seu isolamento e facultar uma relação mais próxima com os membros mais jovens da família. No entanto, é necessário continuar a implementar-se programas que sejam de interesses de ambas as gerações, cujas vivências foram tão díspares.

Referências

Agudo Prado, S., & Pascual Sevillano, M. (2012). El uso de las TIC en las actividades intergeneracionales. *I Congreso Virtual Internacional Sobre Innovación Pedagógica y Praxis Educativa INOVAGOGIA 2012, Libro de Actas*, 264-271. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: [file:///C:/Users/Dados/Downloads/Dialnet-ICongresoVirtualInternacionalSobreInnovacionPedago-535470%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Dados/Downloads/Dialnet-ICongresoVirtualInternacionalSobreInnovacionPedago-535470%20(1).pdf).

Bobillier Chaumon, M.-E., Michel, C., Tarpin Bernard, F., & Croisile, B. (2014). Can ICT improve the quality of life of elderly adults living in residential home care units? From actual impacts to hidden artefacts. *Behaviour & Information Technology*, 33(6), 574-590. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/0144929X.2013.832382>.

Caldas, C. P., & Thomaz, A. F. (2010). A Velhice no Olhar do Outro: Uma perspectiva do jovem sobre o que é ser velho. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 13(2), 75-89. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/5367/3847>.

- Carleto, D., & Santana, C. da S. (2017). Relações intergeracionais mediadas pelas tecnologias digitais. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 20(1), 73-91. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/31907>.
- Fastame, M. C., Penna, M. P., & Rossetti, E. S. (2014). Perceived Cognitive Efficiency and Subjective Well-Being in Late Adulthood: The Impact of Developmental Factors. *Journal of Adult Development*, 21(3), 173-180. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1007/s10804-014-9189-7>.
- Ferreira, P. M. (2015). O Envelhecimento ativo em Portugal: tendências recentes e (alguns) problemas. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(N.º Especial 19, Temático: "Envelhecimento Ativo e Velhice"), 07-29. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27113/19216>.
- Filadelfo, C. J., & Adrina. (2016). Percepção do adulto-jovem sobre o envelhecer. *Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia*, 172-183. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://journal.iberamia.org/>.
- Gamliel, T., & Gabay, N. (2014). Knowledge Exchange, Social Interactions, and Empowerment in an Intergenerational Technology Program at School. *Educational Gerontology*, 40(8), 597-617. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/03601277.2013.863097>.
- Gorjão, S., & Marques, S. (2012). Idadismo e a participação social das pessoas idosas. Porto, Portugal: *Rediteia. Revista de Política Social*, 45, 129-138. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://www.cidadaniaemportugal.pt/wp-content/uploads/recursos/eapn/Rediteia%20-%20Envelhecimento%20Ativo.pdf>.
- Joia, L. C., & Ruiz, T. (2013). Satisfação com a Vida na Percepção dos Idosos. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(6), 79-102. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/20023>.
- Khvorostianov, N. (2016). "Thanks to the Internet, We Remain a Family": ICT Domestication by Elderly Immigrants and their Families in Israel. *Journal of Family Communication*, 16(4), 355-368. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/15267431.2016.1211131>.
- Lopes, M. J., Araújo, J. L., & Nascimento, E. G. (2016). O envelhecimento e a qualidade de vida : a influência das experiências individuais. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(2), 181-199. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de:
- Lou, V. W. Q., & Dai, A. A. N. (2017). A Review of Nonfamilial Intergenerational Programs on Changing Age Stereotypes and Well-Being in East Asia. *Journal of Intergenerational Relationships*, 15(2), 143-158. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/15350770.2017.1294427>.
- Neves, B., & Amaro, F. (2012). Too old for technology? How the elderly of Lisbon use and perceive ICT. *The Journal of Community Informatics*, 8(1), 1-22. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://ci-journal.net/index.php/ciej/article/view/800>.

- Poltronieri, C., Costa, D., Costa, J., & Soares, N. (2015). Os desafios da construção da intergeracionalidade no tempo do capital. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(4), 289-309. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/29407/20496>.
- Prior, K., & Sargent-Cox, K. A. (2014). Students' expectations of ageing: An evaluation of the impact of imagined intergenerational contact and the mediating role of ageing anxiety. *Journal of Experimental Social Psychology*, 55, 99-104. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1016/j.jesp.2014.06.001>
- Quaresma, M., & Ribeirinho, C. (2016). Envelhecimento – Desafios do Séc. XXI. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(3), 29-49. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/30900/21382>.
- Roberto, M. S., Fidalgo, A., & Buckingham, D. (2014). O papel da solidariedade intergeracional no âmbito da literacia digital. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*. 17(2), 09-25. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/20831/15337>.
- Sales, M. B., Mazzali, B. R., Amaral, M. A., Rocha, R. G. O., & Brito, R. (2014). Inclusão digital de pessoas idosas: relato de experiências de utilização de *software* educativo. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 63-81. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/23457/16848>.
- Shedletsky, L. (2012). Undergraduates Mentoring Older Adults: Breaking Stereotypes. *Journal of Intergenerational Relationships*, 10(4), 400-414. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/15350770.2012.726599>.
- Souza, J. J. D., & Sales, M. B. de. (2016). Tecnologias da Informação e Comunicação, smartphones e usuários idosos : uma revisão integrativa à luz das Teorias Sociológicas do Envelhecimento. São Paulo, SP: PUC-SP: *Revista Kairós-Gerontologia*, 19(4), 131-154. ISSNprint 1516-2567. ISSNNe 2176-901X. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/31957/22141>.
- Spiteri, D. (2016). What do older people learn from young people? Intergenerational learning in 'day centre' community settings in Malta. *International Journal of Lifelong Education*, 35(3), 235-253. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/02601370.2015.1132278>.
- Strom, R. D., & Strom, P. S. (2015). Assessment of Intergenerational Communication and Relationships. *Educational Gerontology*, 41(1), 41-52. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/03601277.2014.912454>.
- Tam, M. (2014). Intergenerational Service Learning Between the Old and Young: What, Why and How. *Educational Gerontology*, 40(6), 401-413. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/03601277.2013.822201>.
- Teater, B. (2016). Intergenerational Programs to Promote Active Aging: The Experiences and Perspectives of Older Adults. *Activities, Adaptation & Aging*, 40(1), 1-19. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/01924788.2016.1127041>.

Thygesen, E., Macqueen, R., & Martinez, S. (2014). Using ICT training as an arena for intergenerational learning experience. A case study. *In: Proceedings from Scandinavian Conference on Health Informatics, Grimstad, Norway, 21-22*. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <http://hdl.handle.net/11250/277150>.

Tsai, H. S., Shillair, R., Cotten, S. R., Winstead, V., & Yost, E. (2015). Getting Grandma Online: Are Tablets the Answer for Increasing Digital Inclusion for Older Adults in the U.S.? *Educational Gerontology, 41*(10), 695-709. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/03601277.2015.1048165>.

Turner, S. G., Brown, A. M., & Jarrott, S. E. (2017). For Students, By Students: Service-Learner Involvement in the Development of Visiting Kits to Facilitate Student Interactions with Old Adults. *Journal of Intergenerational Relationships, 15*(2), 181-187. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/15350770.2017.1294439>.

Vieira, S., & Sousa, L. (2016). Intergenerational practice: contributing to a conceptual framework. *International Journal of Lifelong Education, 35*(4), 396-412. Recuperado em 01 dezembro, 2017, de: <https://doi.org/10.1080/02601370.2016.1196248>.

Recebido em 12/04/2019

Aceito em 30/06/2019

Paula Cristina Mota - Mestre em Educação Especial, Instituto Superior de Ciências Educativas, Odivelas; Portugal. Universidade de Aveiro. Aveiro, Portugal.

E-mail: tinamota@gmail.com

Rui Neves - Professor Auxiliar. Diretor da Licenciatura em Educação Básica. Universidade de Aveiro. Departamento de Educação e Psicologia. Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores. Campus de Santiago. Aveiro, Portugal.

Researchgate - https://www.researchgate.net/profile/Rui_Neves

Orcid – <http://orcid.org/0000-0002-3285-7733>

Researcher ID: N-1763-2013

E-mail: rneves@ua.pt

* Artigo precedente, preliminar, dos mesmos autores, de título “Práticas intergeracionais e TIC: um contributo para uma revisão da literatura”, foi publicado em *Instrumento – Revista de Estudo em Pesquisa em Educação, 21*(1), 05-20, ja.-jun. 2019. (submetido em 20/04/2018; aceito em 26/09/2018), disponível em: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/19042-Texto%20do%20artigo-105415-1-10-20190604.pdf>.